

Schuma Schumacher

30 mos

**De:** pedrinadedeus@secrelnet.com.br  
**Enviado em:** terça-feira, 15 de novembro de 2005 17:17  
**Para:** schuma@redeb.org.br  
**Assunto:** Mulher Negra

Schuma,

Esta semana esatrei mandando xerox dos papéis que tenho sobre Aqualtune, etc.  
Qual o endereço que você deseja receber?

O Grupo Luisa Mahin foi criado pela Lélia Gonzalez dentro do MNU-Movimento Negro Unificado. Era o braço feminino do MNU. A direção do MNU no Rio deve ter arquivos com as ações do grupo. Caso não tenha procure o MNU em São Paulo que talvez tenham pois trocavam figurinhas. Lembro que a jurema Batista (hoje deputada ou vereadora) pertencia ao MNU. Talvez tenha alguma coisa.

Um abraço, aguardo o endereço para enviar carta.

Pedrina

+ HISTÓRIA DO AQUALTUNE

# REUNIÃO DE MULHERES NEGRAS AQUALTUNE ANÁLISE DE AMBIÊNCIA

*Pedrina de Deus*

O aperfeiçoamento democrático trouxe para a organização popular uma série de ferramentas que qualificam (ou pelo menos deveriam) a consciência crítica, tais como informações disponibilizadas a todo momento, acesso ao conhecimento produzido no mundo inteiro, ampla liberdade de expressão e manifestação, entre tantos outros. É importante, portanto, traçar uma análise de ambiência da década em que a **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqualtune** nasceu para que seja possível localizar as inquietudes e ações dessas mulheres no cenário que ela vivenciavam.

No final dos anos 60 para a metade dos anos 70 o Movimento Negro se constituía de pessoas reunidas em torno de denúncias do racismo, da discriminação e das manifestações culturais e recreativas em consequência da característica da política do Brasil nestas décadas, onde oficialmente era proibida a organização.

Entretanto, foi na década de 70 que surgiu o CEAB (Centro de Estudos Afro-Brasileiros), CECAN (Centro de Cultura e Artes Negras), o CEBA (Centro de Estudos Brasil África), o SINBA o IPCN, o MNU além de outros movimentos em São Paulo, Porto Alegre, Vitória, Bahia, etc.

Os militantes sempre atuavam através de suas entidades e muitas vezes uma simples divergência interna e pessoal era suficiente para que uma nova entidade fosse criada. Naquele momento histórico todo mundo desejava ser o representante das massas (pelo status, pela auto-afirmação, pela imagem junto aos movimentos de resistência, etc.) e queria que sua instituição liderasse o povo nas reivindicações de rua. Ninguém queria fazer o trabalho de fogueira, formando consciência por consciência. Naquele momento do Brasil, como no Brasil até hoje, **todo mundo queria ser a flor e ninguém queria ser o jardineiro.**

No início da década de oitenta a distensão política que o governo foi obrigado a promover, ao contrário de fortalecer as entidades como se esperava na época, dispersou seus militantes que buscaram atuação com maior visibilidade em entidades político-partidárias, comunitárias e ONGs. Os militantes da época só haviam aprendido a “ser contra alguma coisa” e não tinham uma proposta concreta para “construir alguma coisa”. A maioria queria arrastar a massa popular para a rua a fim de dar demonstração de poder de mobilização e reservar seus lugares no novo sistema de poder que estava se desenhando. Muitas lideranças do Movimento Negro transformavam seus militantes em tarefeiros que deveriam estar sempre prontos para servir a mobilização das massas.

Todos os agentes do capitalismo, mesmo aqueles que estavam tentando expiar suas culpas com o terceiro mundo através das agências internacionais de fomento, hoje popularizadas ONGs, cresciam e se expandiam nos lugares onde a consciência crítica da população estava desabilitada. Os setores que se relacionavam com estes agentes, inclusive os setores progressistas, estavam seduzidos mais pelo “método” de trabalho e volume dos investimentos financeiros para colocarem as massas nas ruas, do que pelo comprometimento em ter uma relação crítica e transformadora. Não abriam espaço e nem incorporavam em sua prática de trabalho a consequente reflexão crítica dessa prática.

Hoje, sabemos que todas as grandes batalhas são perdidas no nível tático e não no estratégico. Mas, até hoje, ainda se fazem reuniões infundáveis para traçar estratégias, sem nenhuma visão tática. E continuam a aparecer lideranças com estratégias e discursos que acabam “dando em água” quando estão no campo tático porque não existem propostas contra-ideológicas práticas. Parece que mudou o cenário, os atores, mas os personagens ainda são os mesmos e ainda há campo fértil para uma Aqualtune.

## AQUALTUNE, A HISTÓRIA

Setenta foi uma década extremamente turbulenta, mas muito, muito criativa.

Nos anos setenta tivemos o primeiro desfile do Ilê e nasceu o Olodum na Bahia, foi fundado o IPCN no Rio e o MNU em São Paulo.

Mas, nos anos setenta, também nasceu a censura prévia a livros, publicações e comerciais, houve o incêndio criminoso do Museu de Arte Moderna, a bomba na Associação Brasileira de Imprensa. Nos anos setenta nasceu a televisão a cores e a fusão do Rio de Janeiro e Guanabara. A Raquel de Queiroz foi a primeira mulher a conquistar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e o divórcio foi regulamentado. Mas, tivemos também nos anos setenta o Caso Marli Pereira Soares e sua luta solitária de mulher negra contra a Polícia Militar do Rio de Janeiro. Setenta foi uma década de muita movimentação no meio negro.

Ação  
&  
Movimento

No final desta década tão excitante nasceu a **Reunião de Mulheres Negras Aqaltune**. O motor deste nascimento foi um filme "A força invisível" sobre a exploração da mulher da África do Sul e os preconceitos que a fragilizavam. Este filme provocou um proveitoso debate na sede do IPCN sobre nossa forma de participação na construção de uma nova sociedade.

Algumas mulheres associadas do IPCN reuniram-se para fazer uma leitura reflexiva e mais apurada sobre o filme e sobre nossa imagem de mulher negra. Imagem ainda presa ao passado servil e mulheres rejeitadas pelo corpo feminino gordo, de bunda grande e ombros largos que ressaltam nossa origem étnica mas, na época, classificado como feio, anti-estético, fora de moda. Era precisamente dia 12 de agosto de 1978.

### QUEM ERAM ESSAS MULHERES?

Estas mulheres eram: **Estela da Costa Monteiro, Lea Garcia (a atriz), Suzete Paiva, Oir Nascimento de Oliveira, Jurema Gomes da Silva, Azoilda Trindade, Shirlei P. da Silva, Irani Maia Pereira, Cristina Daniel Cruz, Édila Silva das Virgens, Cecília de São Cristóvão, Vera de Nova Iguaçu e Pedrina de Deus.**

### PORQUE AQUALTUNE? QUEM FOI ESSA MULHER?

Quando os Jongs invadiram o Congo para aprisionar negros e vendê-los como escravos aos portugueses e holandeses, uma mulher chamada **Aqaltune**, filha do Rei Cajanga, comandou os guerreiros para defender os súditos do reino de seu pai. Foi aprisionada, levada como escrava e desembarcou de um navio negreiro em Recife. Escolhida para reproduzir mão-de-obra escrava **Aqaltune** foi obrigada a manter relações sexuais com outro negro e engravidou contra a sua vontade. Vendida para um engenho de Porto Calvo, **Aqaltune** ouvia notícias do Quilombo de Palmares. Rapidamente, nos

seus últimos meses de gravidez, assumiu a liderança e organizou vários escravos para a fuga.

Ao lado de Ganga Zumba fez a organização político-militar de Palmares, ajudando na reconstituição do Estado Negro. Bem mais tarde uma de suas filhas lhe deu o neto **Zumbi dos Palmares**. Esse histórico está no livro Zumbi, o rei, de Ubirajara Muniz, primeira edição.

## O GRUPO AQUALTUNE

O grupo chamado **Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** se reunia nas dependências do IPCN e, como todo novo grupo em plena ditadura militar, acreditava que a mobilização era nosso principal objetivo e que essa mobilização acontecia com uma boa intenção e o estalar dos dedos. A princípio, evidentemente não havia clareza em nossa proposta. Havia, sim, a necessidade de pensar nossa atuação. Tínhamos uma definição bem consciente sobre nosso papel de raça, mas ainda estava nebuloso nosso papel de mulheres negras.

Estas reuniões na sede do IPCN foram se tornando regulares mas constantemente eram esvaziadas porque o IPCN e outras entidades do Movimento Negro precisavam da sala e dos nossos braços para as tarefas “ditas” de mulher. Quer dizer, varrer, arrumar, limpar para os homens se reunirem, providenciar a divulgação (sair pelas ruas distribuindo panfletos), fazer comida para vender e arrecadar finanças para publicações, essas coisas. Em pouco tempo viramos o “departamento feminino” não apenas do IPCN, mas de todas as entidades do Movimento Negro que usavam a sede do IPCN.

Lá uma determinada noite fomos solicitadas a desocupar a sala onde estávamos reunidas trabalhando nossas reflexões porque os homens precisavam dela para uma importante reunião. Bendita noite!! Fizemos a reunião na escada... Aquela escada estreita, de caracol. Uma mulher falava lá em cima e a outra respondia aqui embaixo.

A partir daquele dia nos recusamos a ser “departamento feminino” das entidades do Movimento Negro e vieram as acusações: são lésbicas, são feministas, são divisionistas, nem parecem negras. Declaramos nossa independência mas, claro, tivemos algumas perdas significativas de companheiras que insistiam na luta pelo espaço dentro do IPCN. Mas a **Remuneia- Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** ganhou novas adesões e tempo para novas reflexões. Formulamos uma **Carta de Princípios** para orientação de nossa postura de trabalho e principalmente fortalecemos a necessidade de fazer a luta específica dentro da luta geral dos negros.

## A CARTA DE PRINCÍPIOS, REMUNEA, 1978

“ Não somos mais uma Organização Negra. Somos um grupo de mulheres na luta pelo combate ao racismo e ao machismo que prepara suas participantes para a ação política e ideológica necessária para o fim dessas duas ideologias de dominação, onde elas quiserem atuar ou sintam necessidade de trabalhar. Pode ser dentro das organizações do Movimento Negro, do Movimentos de Mulheres, família, trabalho, escola ou de outras organizações da nossa sociedade.

As integrantes da **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** se preparam para esta ação política e ideológica, procurando formas de se auto-desenvolver, de se expressar, vencendo o medo, a timidez e a confusão das idéias própria de militantes inexperientes, até que todos as integrantes sejam capazes de falar, escrever e atuar em todas as organizações que as interessam, colocando a questão racial associada a questão sexual, aumentando a consciência de negros e negras.

A **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** vai procurar transmitir o conhecimento adquirido e criar novos conhecimentos que sirvam à nossa gente, colaborando com o surgimento de novos militantes: gente orgulhosa de ser negra e a fim de fazer valer os seus direitos e valores neste país, em que as classes dominantes utilizam o racismo para impedir o povo de comandar seu próprio destino.

A **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** vai procurar conhecer e avaliar os processos usados pela ideologia de dominação, criando paralelamente uma **contra-ideologia** que ajude a desmistificar valores equivocados que assimilamos até hoje sobre negros e mulheres negras.

A **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** quer também desmistificar a questão do negro como uma questão puramente cultural e a idéia de que é possível acabar com o racismo simplesmente com a prática livre de manifestações culturais negras.

Para elaborar contra-ideologia a **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** se propõe a estudar temas que estão mais presentes na realidade da mulher negra e que impedem o seu crescimento e a sua participação na luta pela mudança de seu próprio destino. Cada tema será desenvolvido em linguagem clara e de fácil compreensão para ser facilmente assimilado por mulheres de pouca escolaridade, que são a maioria negra.

A **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** assume também a responsabilidade de gerar finanças necessárias para divulgar esta contra-ideologia e distribuir aos vários grupos e organizações negras e de mulheres além de outras organizações que possam aproveitar favoravelmente as reflexões e discussões do grupo.

Como trabalho prático, além de produzir contra-ideologia impressa, a **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** promoverá palestras, audio-viuais, debates, etc. sobre temas do interesse das mulheres negras em conjunto com outras entidades, desde que tenha público de mulheres negras

que é seu público-meta. Este trabalho prático terá a finalidade de aumentar o número de mulheres negras engajadas na produção e transmissão de contra-ideologia, atuando ou não na REMUNEA, bem como incentivar a reflexão e engajamento do maior número possível de mulheres negras nas lutas democráticas.

A **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** não tem número fixo de participantes e dispensa registro oficial como entidade, uma vez que será um grupo de ação e formação de contra-ideologia. As promoções que necessitarem de amparo legal poderão ser feitas em conjunto ou com apoio de entidades registradas.

Este grupo de combate buscará marcar com atividades as datas significativas para negros e mulheres, colocando a necessidade destes movimentos se desdobrarem na maioria, denunciando as organizações que só existem como manobra para proveito individual de seus dirigentes e não trazem benefícios para negros e mulheres que dizem representar.

Em nenhuma atividade desenvolvida a **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** poderá se identificar como “representante” das mulheres negras, uma vez que se trata de um grupo onde essa maioria não se encontra representada de fato. A REMUNEA considera que a representação é um direito que só poderá ser dado quando a maioria das mulheres negras estiver realmente mobilizada.

A REMUNEA dispensa uma direção hierárquica e os privilégios provenientes das hierarquias. As decisões são tomadas em conjunto, pela participantes presentes na reuniões de reflexão de todo último Domingo do mês.

Estes princípios serão assumidos e respeitados pelas integrantes da **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** presentes e futuras, como ponto básico para a luta contra o racismo e o machismo, sempre considerando em primeiro lugar, para qualquer ação, os interesses da maioria das mulheres e da maioria dos negros”.

## **A POSTURA DO GRUPO**

A **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqaltune** passou a fazer encontros itinerantes e se constituiu um grupo não vinculado, que desejava formar mulheres descolonizadas, seguras na sua ideologia de mulher e de

negra, fortalecidas, multiplicadoras e prontas para atuar nas suas instituições, família, trabalho, escola, etc.

Neste momento histórico as instituições negras dividiam-se em 3 tipos: culturais, reivindicativas e mobilizadoras. Nós, mulheres da AQUALTUNE queríamos ser do tipo reflexivas. Ou seja, entender primeiro o que somos, porque somos, como mudamos, o que nos incomoda e para onde desejamos ir através do conhecimento dos aparelhos ideológicos da dominação.

O grupo AQUALTUNE produziu escritos sobre o valor do trabalho doméstico e em seguida, sobre a linguagem racista e machista que involuntariamente reproduzimos em nosso dia-a-dia.

Muitas mulheres passaram pela **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqualtune** e saíram mais fortes para ocuparem seus espaços sociais e familiares com rara tática revolucionária: compactuando sem submissão quando os interesse eram comuns e divergindo com ética quando os interesse eram opostos.

Os anos oitenta trouxeram o aperfeiçoamento da redemocratização e aumentou a necessidade das mulheres negras participarem mais em partidos políticos, movimentos de bairros, comitês disso e daquilo. Era a **AQUALTUNE** multiplicando-se como na proposta de princípios.

A **Remunea – Reunião de Mulheres Negras Aqualtune** esvaziou-se.

Mas ficou a certeza de que **deixamos a consciência negra melhor do que a encontramos.**

Autorias  
da Remunea